

Como mulheres viúvas de terceira idade encaram a perda do companheiro

How widows of the third age face the loss of their husband

*Cíntia Rocha**

*Ilva Gobbi**

*Mariana Mazzarino**

*Samanta Krabbe**

*Silvia Virginia Coutinho Areosa***

Resumo

O presente artigo buscou saber como as viúvas que estão na terceira idade encaram a perda do companheiro. Além de todas as vicissitudes que a velhice acarreta, há, muitas vezes, mais este agravante. Isso se dá, de forma especial, para as mulheres, que geralmente vivem mais que os homens e dificilmente procuram um novo companheiro. Visando entender um pouco mais o que perpassa o universo dessas idosas, entrevistamos sete viúvas que estiveram casadas por mais de 25 anos e que frequentam um grupo de convivência para terceira idade na cidade de Santa Cruz do Sul. Por meio de uma metodologia qualitativa, utilizando a análise de conteúdo, identificamos que, apesar da perda e do sofrimento, essas idosas estão cada vez mais ativas socialmente, buscando atividades religiosas, grupos de convivência e viagens.

Palavras-chave: terceira idade, viuvez, mulheres, companheiro.

Introdução

Percebe-se cada vez mais que o envelhecimento da população é um fator incontestável em todo mundo. Essa informação pode ser comprovada por dados do Atlas Sócio Econômico do Rio Grande do Sul (2004), segundo os quais a expectativa de vida ampliou-se com o passar dos anos. A esperança de vida ao nascer, que, no Brasil, em 1980, era de 61,8 anos, passou para 68,6 em 2000 e, em 2002, para 71 anos. No Rio Grande do Sul, a expectativa de vida passou de 52,74 anos em 1903 para 66,7 em 1972, para 68,8 em 1980 e para 73,45 no período de 2000 a 2002. Lehr (1999) considera que o aumento mundial

* Acadêmicas do curso de Psicologia da UNISC.

** Docente do Departamento de Psicologia da UNISC, mestre e doutoranda pela PUC-RS.

Recebido em maio 2005 e avaliado em jul. 2005

da expectativa de vida deve-se ao avanço da medicina e à melhoria das condições socioeconômicas, além de ser influenciado pelo estilo de vida.

Beauvoir (1990) considera a velhice como uma fase na qual podemos nos entregar à vida com mais alegria. Para Capodieci (2000), o idoso não permite mais que sua vida, após a aposentadoria, seja de descompromisso. O idoso de hoje procura se envolver cada vez mais no âmbito social, compensando, assim, as perdas fisiológicas da velhice. Esse envolvimento social torna o idoso autor de suas próprias escolhas, deixa-o mais criativo, capaz de amadurecer e de realizar-se pessoalmente. Já outros idosos apenas começam a viver com menos compromissos no momento em que perdem a companhia daquela pessoa que esteve a vida toda ao seu lado.

Pintos (1997) aborda esse aspecto de forma diferente, afirmando que as várias mudanças ocorridas na vida do idoso podem levá-lo a uma crise de identidade. É uma idade realmente difícil por tudo que representa, pela interpretação que socioculturalmente se faz dela, pelas mudanças de papéis sociais e funcionais e, até mesmo, pelas mudanças orgânicas ocorridas nessa fase. Tudo isso pode provocar uma desorientação, tornar o idoso confuso, sem saber qual é o seu lugar e o que o motiva a viver.

DiGiulio (1992, apud PAPALIA e OLDS, 2000) comprova, através de estudos, que idosos têm mais facilidade de adaptar-se à viuvez do que adultos e pessoas mais jovens, e que a perda de um cônjuge é mais traumática no início da fase adulta por ser menos prevista.

Fraiman (1994) afirma que não importa o tipo de relacionamento; após a perda ou separação, o idoso fica desorientado.

Geralmente, busca auxílio junto a filhos e parentes, o que é de extrema importância para que receba proteção e amparo após a perda. Todavia, passado esse estado de choque, o idoso geralmente manifesta a vontade de retornar a sua casa e retomar sua vida. Um dos fatores que podem agravar a perda ou separação é a perda de seu próprio “cantinho” (da sua casa). Para Calado (2004), ao envelhecermos, nossas capacidades de adaptação vão diminuindo, tornando-nos cada vez mais sensíveis ao meio ambiente, que, consoante às restrições implícitas ao funcionamento do idoso, pode ser um elemento facilitador ou um obstáculo para a sua vida. O bem-estar psicológico desse grupo etário está estreitamente associado à sua satisfação em relação ao seu ambiente residencial. O idoso, ao manter-se em sua casa, vivencia um sentimento de auto-estima na medida em que esse fato demonstra aos outros que ele ainda mantém sua autonomia e independência.

A viuvez ocorre de forma especial para as mulheres, pois elas vivem mais que os homens. Dados do Atlas Sócio Econômico do Rio Grande do Sul / IBGE (2004) indicam que, no Brasil, assim como no Rio Grande do Sul, as mulheres têm maior expectativa de vida ao nascer. Essa diferença está em torno de oito anos a mais de vida, sendo esta pesquisa realizada no ano de 2002. Como resultado, o número de mulheres idosas é superior ao número de homens, principalmente nessa faixa de idade.

Segundo Kirkwood (2001), em média, as mulheres vivem mais que os homens, pois estes são mais combativos e, em razão disso, mais suscetíveis a ferimentos; costumam ser mais competitivos no e fora do trabalho e, em consequência disso, podem desencadear

doenças como o estresse; possuem atividades no trabalho fisicamente perigosas, podendo ocorrer acidentes. Antigamente, fumaram mais e correram grandes riscos com doenças cancerígenas e cardíacas. No entanto, parece improvável a idéia de que o comportamento apenas possa explicar as diferenças em longevidade entre os sexos. “A diferença em descartabilidade é o que talvez explique melhor o motivo pelo qual mulheres vivem mais do que homens, sendo os efeitos biológicos produzidos através da ação de hormônios sexuais, principalmente da testosterona” (p. 230).

Outro aspecto, cultural, também é significativo, conforme Townsend (1963, apud BARROS, 1998). Na família extensa há diferenças na velhice do homem e da mulher, pois a mulher não interrompe suas atividades domésticas, até mesmo fazendo esse tipo de serviços para os filhos.

Pintos (1997) coloca-nos que, em nossa sociedade, podemos encontrar mulheres que, após a viuvez, dedicam-se à família ou preferem viver sozinhas; outras partem em busca de um novo amor. Outro dado importante em relação às mulheres é que cada vez mais estão se tornando chefes de família e passando a morar menos com os filhos. Esses dados indicam uma redução da dependência da família. Essa mudança deve também estar associada à ampliação da cobertura dos benefícios da seguridade social, bem como à melhoria das condições de saúde.

No âmbito social, Lehr (1999) diz que as mulheres mais velhas tendem a fazer amizades com outras viúvas, mas acham difícil encontrar e formar relacionamentos com os homens, uma vez que a disponibilidade de homens na sua faixa etária é

pequena e aqueles que estão disponíveis tendem a interessar-se por mulheres mais jovens. Thiriet e Képès (1994) complementam esse fato considerando que muitas mulheres por volta dos cinquenta anos sofrem uma opressão cultural, pela qual elas não se julgam mais pelo que são, pelos seus desejos, mas pelo desejo masculino clássico, que procura a mulher jovem e bela, com tudo no lugar certo.

Para Capodiecì (2000), a construção de um novo relacionamento na vida de mulheres idosas está baseado na afetividade, no companheirismo e na amizade.

Nessa perspectiva que os autores trazem, buscou-se verificar como as mulheres idosas, viúvas e que estiveram casadas por mais de 25 anos encaram a perda do seu companheiro.

Metodologia

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi utilizada uma metodologia qualitativa, tendo como foco principal estudar viúvas que estão na terceira idade. Participaram da amostra sete viúvas acima de 64 anos, que haviam sido casadas no mínimo por 25 anos, freqüentadoras de um grupo de convivência para terceira idade localizado na cidade de Santa Cruz do Sul. A amostra foi do tipo intencional por quotas, abrangendo no grupo três viúvas que morassem com a família, três que morassem sozinhas e três que morassem com um novo companheiro. Fazem parte desse grupo 23 mulheres, entre elas 12 viúvas e apenas uma que possui um novo companheiro. Dessa forma, nossa amostra foi composta por sete viúvas, em razão da inexistência de viúvas com novo companheiro no grupo

pesquisado. As idades variaram entre 64 e 82 anos. As viúvas foram casadas entre 33 e 55 anos. Após o projeto de pesquisa ter sido aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade de Santa Cruz do Sul, entramos em contato com a coordenadora do grupo para agendar a aplicação do instrumento de coleta de dados (entrevista por pautas). Lemos o “termo de consentimento livre e esclarecido” para cada uma das viúvas, no qual constam explicações sobre o projeto, objetivos, métodos e procedimentos. Estando com os dados coletados, estes foram transcritos a fim de serem classificados em categorias para análise, conforme Bardin (2000), com o que foram obtidas as seguintes categorias: perda do companheiro, mudanças, atividades sociais, apoio da família, novo companheiro, doença e morte, relação idoso *versus* sociedade, atividades profissionais, homens viúvos e casamento.

Análise e discussão dos resultados

É importante estudar as questões da mulher na terceira idade pelo fato de elas estarem, hoje em dia, cada vez mais ativas na sociedade e pouco se saber sobre seu modo de encarar a vida. É um assunto de interesse comum, pois praticamente todos os grupos familiares têm um familiar na terceira idade.

Tínhamos como uma das questões norteadoras o fato de a viúva passar, após a perda do companheiro, a se dedicar exclusivamente à família.

Lehr (1999) afirma que, após a perda do companheiro, há uma maior necessidade de contato das idosas com a família. No grupo de viúvas pesquisadas, constatou-se

que algumas, após a viuvez, passaram a se dedicar mais aos netos. Barros (1998) salienta que a mulher idosa tem o importante papel de cuidar dos netos, aspecto que ficou evidente nas falas das viúvas:

“[...] tenho três filhos, a mais nova mora ali e traz o pequeno pra mim cuidar, até hoje de manhã eu tinha que cuidar dele, ele é muito querido comigo” (V5).

“[...] Aproveito para curtir os netos” (V1).

Porém, de um modo geral, evidenciou-se que nesse grupo de viúvas não há uma dedicação exclusiva à família, pois elas têm outras atividades sociais. Todas possuem bom relacionamento com a família, e os filhos lhes prestam auxílio quando necessário. Esses dados estão de acordo com Fraiman (1994), que afirma que, logo após a perda, o idoso busca auxílio da família, mas, passado o estado de choque, geralmente manifesta a vontade de retomar sua vida. Todas as viúvas pesquisadas têm suas atividades particulares, desvinculadas do meio familiar, aparentam possuir independência e autonomia em relação à família.

Um dado que se destacou nas falas de todas as viúvas foi que suas atividades, principalmente as sociais, são muito significativas para não se sentirem sós.

“Eu participo de grupos de dança e de trabalhos manuais. Se eu quisesse ir a todos os lugares, nunca estaria sozinha em casa, sempre tenho bastante coisa para fazer” (V1).

“Participo do Grupo da OASE, Grupo de Terceira Idade, Grupos de diabetes e hipertensão na Unisc, reuniões e eventos com a família” (V2).

“Vou a grupos de Igreja para não me sentir sozinha, porque ficava todo tempo com ele. Participo dos Grupos da Terceira Idade” (V3).

Capodieci (2000) relata que o idoso de hoje procura se envolver cada vez mais no âmbito social. Todas as viúvas relatam com ênfase suas atividades, principalmente os grupos de terceira idade. Parece ocorrer, após a perda do marido, um maior envolvimento social, pois algumas idosas têm mais disponibilidade de tempo em razão de não ter mais o companheiro, como fica evidente numa das falas: “[...]Passei a freqüentar outros lugares e conhecer outras pessoas” (V2).

Referindo-se à relação do idoso com a sociedade, apenas uma das viúvas mencionou que nem todos na sociedade tratam bem o idoso. Fraiman (1994) registra que no Brasil ignoramos os idosos, e Beauvoir (1990) considera que há um grande des-caso com o idoso.

Outra questão que buscávamos desvendar é se a viúva refaz sua vida procurando um novo companheiro. Pode-se observar que algumas viúvas relatam não querer um novo companheiro por terem tido uma relação conflituosa com o marido já falecido; outras tiveram uma relação tão boa que não querem, agora, um companheiro que seja diferente e cerceie sua liberdade. Aparece nas falas também o aspecto moral, visto que as viúvas acreditam que, mesmo que o companheiro morra, uma mulher não deve ter mais que um homem em sua vida. De modo geral, as viúvas relatam não querer ter uma nova relação, apesar de haver homens interessados, como podemos observar neste relato:

“Não quero um novo companheiro, pois sofri bastante com meu marido” (V1).

“Já se ofereceram, mas eu não quero nenhum. Era o primeiro e o último. O

primeiro namorado é para sempre. Uns quantos já se ofereceram” (V3).

“Nunca mais quero saber de um novo companheiro” (V7).

Muitas vezes, essa conformidade que as viúvas têm em relação a ficarem sós está relacionada à sua educação e aos seus padrões morais. Fraiman (1994) chama-nos a atenção que, para entendermos o idoso de hoje, devemos levar em conta as normas rígidas de sua educação. Já Capodieci (2000) considera que muitas viúvas não se casam novamente temendo que isso possa prejudicar seus filhos.

Outro ponto a ressaltar é que, no grupo de viúvas entrevistadas, havia 23 idosas, entre as quais mais de 50% eram viúvas e apenas uma tinha um novo companheiro. Esse número pequeno de viúvas com um novo companheiro reduziu o número de nossa amostra, porém representa um dado significativo na análise. O fato de a maioria das viúvas permanecer só está de acordo com Pastore (2002), que nos traz dados do IBGE (2004), que mostram que mais da metade das mulheres entre 65 e 70 anos não têm um novo companheiro, o que decorre não só do fato de o homem morrer mais cedo, casar com mulheres mais novas após a viuvez, mas também da maioria das mulheres viúvas não recasar, conforme se constatou entre as viúvas entrevistadas. “Ao envelhecer, muitas pessoas às vezes ficam sem parceiro, isso é verdade, de modo particular para as mulheres, quer devido a sua maior expectativa de vida quer por causa de um índice menor de segundas núpcias após a viuvez” (CAPODIECI, 2000, p. 175).

Outro dado que buscamos descobrir através dos relatos é como a viúva percebe a

diferença entre os gêneros no que se refere à forma de encarar a viuvez. As viúvas, de um modo geral, relatam que os homens viúvos logo arranjam outra mulher, que eles sofrem menos com a perda e que não procuram, assim como a mulher, os grupos de terceira idade. Isso fica evidente em algumas falas:

“Eles não pensam assim que nem a gente, eles sofrem menos e logo arranjam outra” (V2).

“Os homens não querem ir nesses encontros de idosos...” (V3).

“[...] homem não fica sem mulher, mas a mulher passa sem o homem” (V5).

Isso reflete os dados obtidos por Pastore (2002), que afirma que no homem se dá o inverso em relação às mulheres viúvas, pois eles, ao perderem a mulher, não conseguem ficar sozinhos: 76% dos que têm entre 65 e 70 anos procuram uma nova companheira, geralmente mais nova. Apesar disso, através das falas observou-se que o fato de as viúvas não recasarem “aparentemente” não tem uma relação direta com o fato de os homens procurarem mulheres mais novas; é, sim, uma opção. Uma das viúvas ainda enfatiza que os homens não pensam como elas, são mais insensíveis, procuram outra e vão para os bares beber; outras dizem que eles são “parados”, não procuram outras atividades, como ocorre com elas. Conforme Capodiecici (2000) e Goldani (1999), realmente as mulheres desenvolvem mais que os homens a participação em outras áreas de interesse e sociabilidade. Apenas uma das idosas relatou não saber como os homens pensam.

Apesar de a maioria das viúvas não ter um novo relacionamento, a única que tem um novo companheiro diz que ele é muito bom. Isso nos leva a questionar se

as viúvas não se casam por motivos pessoais, assim como foi relatado, ou porque realmente não há homens disponíveis, ou por questões morais, de educação, como apareceu nos relatos. Tal fato vai mudar com o tempo, pois teremos idosas diferentes daqui a alguns anos.

Tínhamos como uma das questões norteadoras verificar se a perda do companheiro poderia não ser assimilada pela viúva, acarretando-lhe uma tristeza profunda e até mesmo depressão. Em relação aos momentos posteriores à perda, observou-se que as viúvas sentiram-se muito abaladas; uma delas inclusive sofreu de depressão. Todos os relatos são de muito sofrimento e solidão após a perda, além de falta de vontade para realizar suas atividades cotidianas. Todavia, também se observa que, passado algum tempo, as viúvas conseguiram retomar suas atividades, embora ainda sintam muito a falta do companheiro. Esse dado pode ser confirmado em alguns depoimentos das idosas:

“Quando fiquei viúva fiquei muito triste, os vizinhos me visitaram e com o tempo fui esquecendo, mas não totalmente” (V4).

“A vida agora é diferente, levantei a cabeça e vou levando” (V1).

Para Jones (1987, apud MANETTA; MONTENEGRO e BRUNETTI, 2001), a solidão será tanto maior quanto menores forem as esperanças de reencontro, de novos relacionamentos, o que ocorre de uma forma maior na velhice. Como as viúvas, em sua maioria, não procuram um novo companheiro, continuam a sentir a perda do companheiro já falecido, dado que fica evidente em uma das falas:

“Foi um choque quando perdi meu companheiro. Eu demorei a me recuperar, até hoje sinto sua perda. Sofri bastante” (V1).

Para Fraiman (1994), além de a viuvez ser um forte desencadeador de estresse, há problemas financeiros acarretados pela perda do companheiro. Vidor (2003) considera a viuvez um pesadelo pelo drama vivido pelas pensionistas. Apesar da visão dos autores, observamos no grupo selecionado que, aparentemente, não há sérios problemas financeiros entre as viúvas entrevistadas. Algumas recebem pensão do marido, pois sempre foram donas de casa, outras trabalhavam fora e agora são aposentadas.

Ao falar em aposentadoria, podemos citar outra de nossas questões, com a qual procuramos descobrir se a viúva, após a perda do companheiro, passa a ter atividades remuneradas que anteriormente não tinha. Observamos através das falas que todas as viúvas que comentaram sobre suas atividades profissionais relataram que são somente donas de casa. Apesar de algumas já terem trabalhado fora, agora só se ocupam com afazeres domésticos; portanto, a morte do companheiro não influenciou em suas atividades profissionais. Fraiman (1994) considera que o fato de as mulheres viverem para o lar era, de certa forma, uma regra geral antigamente. Contudo, isso está mudando, pois um grupo representativo entre as viúvas pesquisadas já trabalhava fora. Apesar disso, o trabalho doméstico está presente em todas as falas, sendo uma atividade necessária em suas vidas. Segundo Strey (2004), para as mulheres idosas as tarefas domésticas têm um importante significado social, sendo a base de sua construção

de identidade como mulheres.

Considerações finais

Pensar nas questões relativas à terceira idade não é só importante, mas necessário. Abordar a viuvez feminina nessa fase não é menos relevante, porque, além de todas as dificuldades trazidas pela idade, sofrem com a perda do companheiro e com a solidão acarretada.

Acreditávamos que as viúvas, após essa perda significativa, buscassem um maior contato e apoio em suas famílias, porém surpreendemo-nos ao constatar que, no grupo de viúvas pesquisadas, não há uma dedicação tão significativa à família. As viúvas aparentam ser independentes em relação aos familiares, apesar de manter uma boa relação com estes, e exercem outras atividades desvinculadas do núcleo familiar.

O que se salientou de forma significativa entre todas as viúvas foram suas atividades sociais, que acreditamos terem sido essenciais para que superassem a solidão após a perda do companheiro. Nas falas das idosas, a família, o fato de ter um novo companheiro ou qualquer outro fator não sobressaíram tanto quanto suas atividades sociais, principalmente a busca pelos grupos de terceira idade. Isso significa que as idosas estão cada vez mais integradas à sociedade, e menos vinculadas ao lar.

Sugere-se que sejam realizadas novas pesquisas que aprofundem a questão do relacionamento do idoso com a sociedade, assunto que consideramos de suma importância já que muitos autores, e até mesmo os meios de comunicação, apresentam o descaso com o idoso como algo muito presente em nossa sociedade.

Outro fator a ser ressaltado é as pesquisas considerarem as mulheres muito mais ativas que os homens na sociedade, além de eles enfrentarem de forma mais fácil a perda da companheira. As idosas sofrem com a perda, mas, com o tempo, superam-na e retomam suas atividades, porém não suas vidas afetivas.

Observou-se, sobretudo, que as idosas estão cada vez mais envolvidas em diversas atividades, interagindo com o social e buscando ser felizes, aceitando o envelhecimento como um processo natural.

Abstract

This article tried to find out how widows who are in the third age face the loss of their husband. Besides all the ups and downs of life that elderliness causes, it has many times this one more adding burden. This occurs specially to women who generally live longer than men and hardly ever find a new partner. Trying to understand a little better what happens in the universe of these elderly, we interviewed seven (7) widows who had been married for more than twenty-five years. These women frequent the acquaintance group of third age located in Santa Cruz do Sul. Through a qualitative methodology, using the content analysis, we have identified that despite the loss and the suffering, these widows have become more active socially; looking for religious activities, acquaintance groups and trips.

Key words: third age, widowhood, women, spouse (partner).

Referências

- ATLAS Sócio Econômico Rio Grande do Sul. <<http://www.scp.rs.gov.br/atlas>>. Acesso em: 10 set. 2004.
- BARDIN. *Análise de conteúdo*. Lisboa: 70, 2000.
- BARROS, M. L. *Velhice ou terceira idade?* Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- BEAUVOIR, S. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- CALADO, N. M. *Envelhecer na sociedade atual: ir ou não para um lar de idosos*. TIO- terceira idade. disponível em: <<http://www.projectotio.net>> Acesso em: 2 nov. 2004.
- CAPODIECI, S. *A idade dos sentimentos: amor e sexualidade após os sessenta anos*. Bauru, SP: Edusc, 2000.
- FRAIMAN, A. P. *Sexo e afeto na terceira idade: aquilo que você quer saber e não teve com quem conversar*. São Paulo: Gente, 1994.
- GOLDANI, A. M. *Mulheres e envelhecimento: desafios para os novos contratos intergeracionais e de gêneros*. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.
- IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 6 de set. 2004.
- KIRKWOOD, T. *Os melhores anos de nossas vidas*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LEHR, U. A revolução da longevidade impacto na sociedade, na família e no indivíduo. *Caderno do Envelhecimento*, Porto Alegre: Núcleo de estudos da PROEXT/UFRGS, v. 1, p. 7-35, 1999.
- MANETTA, C. E.; MONTENEGRO, F. L. B.; BRUNETTI, R. F. *Aspectos psicológicos de interesse no tratamento do paciente onogeriatrico*. São Paulo, 20 ago. 2001. Disponível em: <<http://www.odontologia.com.br>> Acesso em: 29 out. 2004.
- PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W. *Desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Art. Méd. Sul, 2000.
- PASTORE, J. *O que fazer com as viúvas?* Recife, 21 mar. 2002. Disponível em: <<http://www.josepastore.com.br>> Acesso em: 28 out. 2004.

Como mulheres viúvas...

PINTOS, C. G. *A família e a terceira idade*. São Paulo: Paulinas 1997.

STREY, M. N. PREHN D. R.; MATTOS, F. *O trabalho e a mulher da terceira idade: um estudo preliminar*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS) Brasil. Disponível em: <<http://.copsa.cop.es/congresoiberoa>>. Acesso em: 2 nov. 2004.

THIRIET, M.; KÈPÈS, S. *Mulher de 50 anos: como viver plenamente essa nova idade*. Porto Alegre: L&PM, 1994.

IDOR, G. *O castigo de envelhecer*. Arquivo de notícias e textos. Disponível em: <<httpwww.georgettevidor.com.br>>. Acesso em: 23 nov. 2003.

Endereço

Silvia Coutinho Areosa
Universidade de Santa Cruz do Sul
Departamento de Psicologia
Independências, 2293
Santa Cruz do Sul-RS
E-mail: sareosa@unisc.br